

TRAIÇÃO!

Com a cumplicidade do governo, este Parlamento reaccionario e criminoso prepara-se para amnistiar

Paiva Conceiro
Padre Domingos
Solari Alegro
Antonio Rodrigues, o «Rufino»
e Sá Guimarães!

Votarão o projecto, monarchicos, catholicos, nacionalistas, socialistas e alguns democraticos.

Só a Esquerda Democratica o combaterá à «outrance»!

E' a mais ignominiosa traição lançada ás faces do Povo, que se bateu em Chaves, em 5 d'Outubro, 14 de Maio e Monsanto!

Ha que responder á *traição* com a revolta!

Ha que responder á *traição* com o castigo!

Se ainda houver vergonha, se ainda existir espirito republicano, fé e idealismo, teremos que gritar a este governo de "titeres,, maus a unica imposição dignificadora: *Fôra! Fôra!*

*

* *

Mas a *traição* não para aqui.

Prepara-se, com aprasimento do sr. Antonio Maria da Silva, o reconhecimento de capacidade juridica à Igreja!

E' a queda da Lei de Separação da Igreja do Estado! E' a victoria da Reacção!

O que fazem os republicanos?

O que faz a Associação do Registo Civil, a Maçonaria Portuguesa e todos os liberaes?

Como para o primeiro projecto, só a Esquerda Democratica tomou uma nobre attitude de discordancia! Registamo-lo com praser.

*

* *

Neste Parlamento, com este governo defende-se a Moagem, defendem-se os bancos, defendem-se os monarchicos e impera a rescção!

Perante tal vergonha e tal perigo, o que devem fazer os republicanos!?

D. Manuel quer ser rei absoluto

«A Choldra» fala leal e francamente ao rei deposto, tão ignobilmente intrujado pelos seus sequazes

Na sua tão falada mensagem, o ex-rei D. Manuel revelar-se-nos-ia um autentico parvo se o não tivéssemos como um ingenuo, uma vitima dos aduladores e das criaturas perfidas que o cercam.

«O presente é infelizmente, a republica; o futuro, com o auxilio de Deus e de todos os bons Portugueses, será a Monarquia».

Assim com esta certesa profetisa aquele fedelho louro que não ha muitos anos vimos embarcar na, Ericeira tremulo de medo, agarrado ás saias da sua augusta mamã, para o mundo do vicio e do praser. Com que candura, o pobre enganado pelos aduladores que lhe garantem o trono, espera a volta da monarquia! É é com estas ideias incompativeis com a epoca e rechaçadas pelo espirito do seculo que o rapazola pretende vir governar-nos:

«A Monarquia do futuro tem de ser baseada sobre Deus e a Religião, sobre a tradiçãõ, sobre a auctoridade, sobre principios e convicções, sobre a Ordem».

Pobre rapaz! E' que não se contenta já em ser rei constitucional. Quere ser agora rei absoluto, e, assim, ataca o sistema parlamentar:

«As eleições são indispensaveis, hoje, mas o país reclama, e com razão, mais alguma coisa. O sistema parlamentar, tal como existe, faliu».

E' a renegação do passado, das tradições constitucionais da sua propria familia e de todo o partido monarchico que, apoz esta declaração absolutista do seu rei, já não tem razão de existir!

Coitado do rapaz! Que grotesca figura o obrigam a fazer as informações mentirosas que os seus servidores lhe inpingem, as promessas en-

ganosas dos seus sequazes, e as intrigas palacianas dos seus servidores!

Sim, porque se o não enganassem informando-o de que a força monarchica recrudesce e avassala todo o país, que o povo oprimido pela Republica anseia pela restauração da monarquia, que a Republica está por um triz, o pobre rapaz não falaria como falou.

Sr. D. Manuel: Pela simpatia que nos merece pelos seus verdes anos, pela compaixão que nos desperta todo o pobre ludibriado, vamos falar-lhe franca e lealmente:

—A Republica tal como tem sido governada, não agrada, não contenta, de facto, o povo; mas este não volve os olhos para o passado. Para quê experimentar o que já foi expererimentado? O povo tem a sua fé no futuro, quere experimentar novas formulas, novas instituições, outros processos.

O socialismo é agora para ele a terra de Promissão. Será? Ele quere experimental-o. Não conte, pois, com o povo para a restauração da monarquia. E não conte tambem com os seus correligionarios e antigos sequazes. Estes estão satisfeitos com a Republica. Teem dela tudo quanto quere. Não conte, pois, com eles que estão de completa saude, comem bem e estão contentes. Ha por cá uns *filomenositos* — cujo valor se reduz a uns *cruzados* falsos — que quere, na verdade, um governo absoluto, governar em ditadura, suprimir o parlamento, *monarquizar* a Republica, em suma. Mas não passarão disto, creia. Eles sabem que é impossivel a restauração da monarquia, e, por isso, contentam-se com a *monarquizaçãõ* da Republica. E para isso mesmo conseguirem—esteja V. Ex.^a disto certo—hão-de servir-se da traição, da emboscada, porque em lucta descoberta o povo não consentirá. Acredite V. Ex.^a no que estamos daqui a dizer-lhe. Quem lhe disser o contrario, intruja-o. E siga este conselho sincero: goze e divirta-se V. Ex.^a, e passe a ligar tanta importancia a esta piolheira,—como lhe chamava seu pai—como a que por cá lhe liga esta choldra.

Pois se com amor o amor se paga, ao despreso deve V. Ex.^a corresponder com o despreso.

O BANQUETE AO GINESTAL

O P. R. N. é contra a democracia. — A unidade partidaria — Palavras do conselheiro Acácio. — Odios, invejas, vaidades, imbecilidades e ansia de gamela

Foi oferecido no passado domingo um almoço de homenagem ao sr. Conselheiro Ginestal Acácio Machado.

O ágape foi, além dum avinhado comício politico e duma torpissima feira de vaidades e imbecilidades — um redondel onde se entrecrocaram os diversos conventuculos em que se divide êsse «homogeneo» Partido Nacionalista. Depois de bem comidos e bem bebidos os jacarés empalhados, puzeram-se a soltar uns ruidos guturais que algumas pessoas que estavam de parte, supuzeram ser exortações.

Um dos primeiros a abrir a válvula das frases feitas foi o sr. Conselheiro Julio Dantas, festejado autor da letra do «Hino da Carta». Esse «velho republicano», velho nos anos que não nas convicções que agora aparenta, teve uma afirmação que o define a êle, ao partido e á sua acção politica — declarou que o Partido Nacionalista é fundamentalmente anti-democratico.

Toda a gente sabia que era nêsse «ninho de aguias» que se encontravam os piores abutres da nação, os maiores inimigos do povo que se disfarçam de republicanos para melhor cravarem as garras e baterem as mandibulas. A declaração do sr. Conselheiro Julio Dantas, antigo Ministro dos Negocios Estrangeiros, Senador da Republica e membro do Directorio do P. R. N., ficará porém colada para todo o sempre a êsse partido constituido na sua maioria por adesivos e traidores á Republica. O P. R. N. é por autorizada definição, o partido anti-democratico, é o partido «republicano» organizado contra a Democracia, contra o Povo, portanto, E não venham com o tolo sofisma de que anti-democratico significa contrario, oposto aos republicanos chamados democraticos, ou sejam os filiados no P. R. N. Desde que o Partido Democratico não é designação official de qualquer agrupamento politico, anti-democratico quer dizer simplesmente — inimigo da democracia.

Nem se compreendia mesmo que assim não fosse. Um partido que aninha e alimenta todas as burlescos protensos ditadores e todos os seus odiosos sequazes.

Lá estavam na frescata politica alguns dos salvadores que se meteram nas ultimas bernardas feitas. . . contra os politicos. E lá estavam, principalmente, êsses sinistros sidonistas, de braço dado, na ansia de comer, em todos os sentidos, — com os seus irredutíveis inimigos de ontem.

Esse Partido Nacionalista, especie de *puzzle*, de salada de frutas podres, é um dos melhores exemplares da força de coesão que dá a

voracidade e a ansia de governar. Não é só entre os *bonzos*, que a gamela do mando mantem em equilibrio aparente massas heterogéneas e discordantes. Entre os nacionalistas tambem a simples negação do poder conserva presos á mesma trela, unionistas, evolucionistas, liberais, reconstituintes, presidencialistas, etc., etc.

Essas diversas correntes odeiam-se, porém, reciprocamente. Aproveitam todos os ensejos para o revelar. Nêsse mesmo almoço oferecido ao sr. Conselheiro Acácio, vomitaram uns contra os outros os maiores insultos. Houve alguns que no augo da bebedeira treparam para cima da mēsa para bolsar injúrias sobre os antagonistas. O nosso Duarte, o Condestavel *possidonico*, não ocultou essa desordem e não deixou de a comentar vivamente.

E certo que os padres-mestres, o cauto Conselheiro Dantas, o arguto jesuita Tamagnini, o acaciano estadista Ginestal, cantaram a ária da unidade partidária. As divergencias — disseram — as unicas, se as havia, era sobre a carta organica.

Carta organica precisam êles mas por musica. Então êsse partido-manta de retalho; êsse partido aldrabado á pressa para fazer rotativismo; êsse partido que não tem um programa, um corpo de doutrina a defender; partido que é a um tempo conservador e revolucionario, que preconiza a ditadura pela boca dos seus grandes-homens e se armezenda no Parlamento para não perder as postas dos Ultramarinos e outras cozeias e apanhar alguns ossos para a afilhadagem, — êsse partido-vigário tem uma carta organica? E é sobre os principios dêsse compromisso que divergem *lacraus* e *trauliteiros*?

Esses tartufos, porém, nem merecem a critica serena e nobre, a que tem jús quantos veem a publico defender um corpo de doutrinas. Só com pázadas de ridiculo se lhes atulharão as bocarras idiotas. E nada mais ridiculo do que êsse chefe Ginestal, ultima encarnação de Acácio na imbecilidade, imagem viva de *Pacheco* na multiplicitade dos talentos.

O discurso dêsse conselheiro é um monumento, que traduz a mentalidade do partido que o tem por ornamento. São bem dignos um do outro os chefes *bonzos* e os chefes *acácios*. Completam-se e entendem-se á maravilha.

Acácio declara que o seu partido está apto para governar, quer dizer para se governar; o bonzo-mór, reconhecendo-lhe os méritos, vai entregar-lhe o poder. Tudo se prepara para isso e tudo se passará assim, se o povo não tiver a inspiração de agarrar um estadulho e zurzir os folgados lombos dêsse estadistas.

As bombas de Bemfica

foram mandadas fazer pelo sr. Antonio Maria da Silva

Com retratos nos jornais, titulos de sensação e o costumado canto terrorista da legião vermelha, grupos de acção directa etc. vem a imprensa, com o *Seculo* á frente, fazendo grande alarde de uma *apreensão* (sic) de bombas feita para os lados de Bemfica. Descancem os espiritos timoratos.

As trinta e nove bombas que pertenciam a uma serie de *duzentas*, não foram feitas pelos legionarios. *Foram mandadas fazer pelo sr. Antonio Maria da Silva!*

Narremos porque o facto não fica mal ao chefe do governo. A sua revelação só vem demonstrar o *espirito* que orienta a P. S. E.

Logo após a victoria do *sidonismo*, constituiu-se um *comité* secreto para o combater formado pelos srs. Agatão Lança, Antonio Maria da Silva, Jacinto Simões, Afonso de Macedo e outros republicanos.

Simultaneamente, em Bemfica, freguesia republicana e aguerrida, constituia-se um nucleo de homens de acção do qual faziam parte, entre outros, Francisco Ferreira Godinho e o malogrado Clarimundo Heredia. Como necessitavam agir com ordem, dirigiram-se ao *comité* e dele receberam indicações para o fabrico de 200 bombas.

Essa indicação foi dada directamente pelos srs. dr. Jacinto Simões e Afonso de Macedo.

As bombas, torneadas numa officina proposi-

tadamente arranjada para o efeito em Campo de Ourique, foram depois, carregadas no *Casal do Carpinteiro* arrendado então pelo sr. Costa, correligionario dedicado do sr. Antonio Maria da Silva, e de lá saíram para a tentativa de Braço de Prata, lucta em Monsanto etc.

Sobejaram 39, as celebres trinta e nove de agora, que ficaram em poder do Centro Heliodoro Salgado, em Bemfica.

Na sede desse Centro foram escondidas e lá foram deixadas quando a casa foi occupada por outro inquilino, o espanhol das notas falsas.

Um dos individuos que fazia parte do grupo levou agora ao conhecimento da policia a existencia dos explosivos, narrando a respectiva historia. A policia foi lá e trouxe-as para o Governo Civil...

Mais nada! Para quê, pois, tanto alarde? Para quê, pois, o espalhar tanto terror? Para quê as fotografias dos *celebres* detectives?!

Ah! Senhores! E' destas glorias que vive o tenente sr. Jorge de Carvalho! Destas glorias e destas descobertas...

Como promenor interessante, acrescentamos que, existindo juntamente com as bombas, umas tantas carabinas, elas foram em tempos entregues ao sr. Vitorino Guimarães que, pelas bombas não se interessou, apesar de lhe terem sido oferecidas pelo sr. Francisco Ferreira Godinho, velho revolucionario.

A Fé Religiosa

Não são de hoje nem de ontem determinados fenómenos de corrupção moral, existentes na sociedade, e que teem por decidido patrono o mais refalsado sentimento religioso. São de há muitos séculos, desde o tempo em que o pobre Galileu começou espargindo pela terra os ensinamentos da sua doutrina fulgurante. O cristianismo, criado por gente miseravel e humilde, surgiu numa época de inominável deboche, de corrupções tremendas, de paganismo sordido e abjecto. Não admira, pois, que tenha trazido, nas suas entranhas, pela idade fóra, o *virus* nauseabundo dessa época, o veneno corruptor que foi impotente para dominar. Como todos os principios doutrinários que ensaiam as primeiras raízes de estabilidade, na sua infância, con-

seguiu formar escolas perfectas, nobres, isentas de personalismos hediondos, escorreitas e morigeradas.

A quadra dos colegas de S. Pedro é a unica aventura idealista e pura que engrinalda a historia do Cristianismo. O mesmo aconteceu com a Revolução Francesa e, entre nós, com a sublime zaragata da Rotunda. Nos primeiros bocejos de vida dos novos códigos politicos, parecia quereremos de facto entrar numa fase de moralidade, num periodo de renovação gloriosa e desinteressada. Mas a sucessão dos fenómenos que chegaram até ao presente, cada vez mais derrancados e neg-os, convence-nos de que a Republica, se fez a psicologia grandiosa de muito puritano, transformou-se pouco a pouco numa teta de inexgotáveis lactações.

Eis o Cristianismo em miniatura, nos seus ensinamentos morais, na clarividência das suas

PELO PORTO

Uma infame perseguição a honrados republicanos

No nosso proximo numero trataremos com o cuidado devido o caso que motivou a aprovação da moção, que a seguir publicamos:

«A Junta Directora do Centro Republicano Democratico do Porto, sabendo que acintosamente se estão a perseguir empregados da Camara Municipal do Porto, protesta energicamente contra tais perseguições esperando que na proxima sessão do Senado Municipal, a minoria pertencente á Esquerda Democratica manifeste a sua repulsa por esses actos que simplesmente demonstram uma torpe vingança de quem os pratica.»

Não perdem pela demora...

fases históricas. Os comodistas e arranjistas, os aventureiros de todos os tempos, assentam praça facilmente nos regimentos bem enquadrados na mecânica dos seus sonhos permanentes. Ao ambicioso tanto faz que o ouro proceda do céu, como do mais devassado e ignóbil logarejo terrestre. Ponto é que a sua ânsia devoradora fique satisfeita. Maquiavel não tem hoje mais legítimos representantes na terra que esses impostores para os quais o «bezorro de ouro» é tão fagueiro como o sempre almejado «Deus Milhão».

O Cristianismo embora inconscientemente, embora desconhecedor da tremenda falácia humana, produziu a escola dos abortos morais, correcta e aumentada, nesta época positivista e commercialeira que vai passando. A' medida que os ventres dos asnos se dilatam, cresce o palavreado fetichista, a confissão religiosa, o truco de fé embusteira, a masela gordurenta da profissão mística. E, todavia, não há nada mais antagonico do que o estado de frente a frente formado pelo espirito perdulário, insaciavel, e a alma religiosa. A aliança palavrosa do homem que negocia, roubando, que engorda à custa das dores dos pobres, que só vê o brilho dos nababos, ante os seus solhos, com o espirito religioso, fiel às prescrições da igreja, é híbrida, nauseabunda, mistificadora e trampolineira. Quando ouço dizer a qualquer homem, depois de instalado ricamente na vida, que se aproxima cada vez mais de Deus, eu sinto vontade de responder-lhe: O teu Deus é o Diabo, o ouro e o roubo. Cruzes para tal Deus.

AFONSO CORREIA.

O DESPERTAR!

A hora é das esquerdas

O antigo jornal republicano
A CAPITAL adere á politica da Esquerda Democratica

Acaba de dar a sua adesão à Esquerda Democratica o antigo diário republicano da noite *A Capital*. Escusado será dizer do entusiasmo com que tal acontecimento importantissimo foi recebido pelos que defendem os principios da pura democracia, aos quais cumpre dar o apoio incondicional à imprensa da politica da Esquerda Democratica.

A politica do diário *A Capital* é orientada por um Conselho Politico constituído pelos srs. dr. Alfredo Nordeste, Carlos de Vasconcelos e Pina de Moraes, e no seu artigo *Momento decisivo*, do seu numero de segunda feira, 1 de Março, em que *A Capital* define a sua nova posição, lê-se:

Os acontecimentos tem muita força. Eles tem vindo collocando todas as consciencias politicas deste país em face das resoluções necessarias. O mal está diagnosticado plenamente. De hoje em diante é facil a sua cura. A força conservadora é uma realidade, que nada pode occultar. A força progressiva é que carece efectivamente de adquirir uma estrutura propria e segura. Os elementos da esquerda andam dispersos; muitos mesmo ainda não descobriram que asistiam nos meios conservadores em que se encontram. A constituição da Esquerda Democratica funda o acampamento em que a sombra de uma bandeira comum convida os republicanos de boa vontade, homens de democracia e de progresso a conjugarcm os seus esforços para dar à Republica a expressão que melhor lhe compete no conflito dos nossos tempos. O programa do velho Partido Republicano Português, idealista e heroico, não está já nas mãos do partido democratico: os seus principios já não pertencem a esse grupo que a outras ideias se captivou. Não está nas suas mãos desde que piza as leis, desde que aplica a republicanos a sua excomunhão, desde que deporta cidadãos, desde que só tem sorrisos para os que só manifestam odio à liberdade. Fique-se com as cohortes de recém-vindos sem fé em coisa alguma que recorde as generosas paixões republicanas, as nobres ideias da democracia moderna. Seja conservador pelas afirmações como já pelas intenções o tem provado ser. Aqueles que querem uma Republica digna deste nome, livre, moralizadora e grande, como o seu programa o prometeu, não de ouvir o toque de reunir que é necessario lançar a todos os pontos do país, para acordar as energias republicanas, para falar de novo de liberdade, direito e de justiça a este povo!

Na *Capital* volta a colaborar o notavel jornalista e grande democrata Mayer Garção, cujo artigo *Pela Republica*, no numero em que *A Capital* annunciou a sua adesão à politica da Esquerda Democratica, é admiravel pela mocidade, pela fé e pelo forte idealismo que o antigo lutador republicano revela. E' dêsse artigo que consola o espirito e retempera as crenças o trecho que segue. Depois de recordar o caracter e a pureza de intenções dos patriarcas da Republica, tais como Elias Garcia, Latino Coelho, Rodrigues de Freitas e José Falcão, Mayer Garção escreve:

Pois bem! E' a Republica destes maravilhosos espiritos que nós queremos realmente fundar. Eles ainda tiveram o consolo de morrer com ela no coração; nós temos a amargura de a ver e não a podermos reconhecer! Extremistas! Sonhadores! Loucos!

A logica, ou seja a razão na plena posse dos seus recursos, é extremista. O ideal, ou seja a visão sublimada do espirito, é sonho. A fé, ou seja a certeza da consciencia, nunca deixa de ser tambem rebatida ao nivel dos egoismos sociais, uma loucura de que esses egoismos sorriem.

A verdade, porém, é que sem esse extremismo, esse sonho, essa loucura, não pode haver Republica, porque não haverá a noção do progresso. O progresso é fruto da quimera, da utopia — fantasias de hoje, realidades de amanhã.

Somos republicanos? Somos homens do progresso. Reagimos contra esse progresso, parando em retrogradando? Seremos tudo, menos republicanos. Dêste dilema à impossivel sair.

A tirania dos Anacleto da Silva

Continuam as violencias. — Um soldado a syndicar um capitão
Um filho da noite feito regedor.

Dava para encher todas as paginas de *A Choldra*, o relato de todas as prepotencias que o partido democratico vem cometendo por esse país fora. Já em outro local nos referimos ao que se passou em Portel. Agora vamos relatar outra proeza dos homens que, neste momento presidem aos destinos da Republica. Trata-se do esbulho feito aos legitimos vereadores da Camara Municipal do Barreiro.

Na data marcada para a eleição dos corpos administrativos, efectuou-se a eleição para a edilidade barreirense. Quando a eleição se realizava, e na melhor ordem, um grupo que nos dizem ser composto de *filhos da noite*, capitaneado pelo delegado do governo naquela vila, João Anacleto da Silva, assaltou a urna inutilizando as listas, e os seus componentes de navalha em punho tentaram agredir os membros da meza e os eleitores presentes, devendo se á sua serenidade não dar-se qualquer scena grave. Na assembleia de apuramento, verificou-se que, apesar de tudo, a maioria da Camara pertencia á Esquerda Democratica. O velho e honrado republicano sr. Deodoro Luiz de Castro apresentou um protesto contra o que se tinha passado na assembleia eleitoral do Barreiro, protesto que ficou exarado na acta, que, e como é de lei, foi enviado á Auditoria Administrativa.

No dia 2 de Janeiro, como a Auditoria Administrativa ainda se não tivesse pronunciado, os vereadores eleitos tomaram posse dos seus lugares. Passado algum tempo, a Auditoria proferiu uma sentença mandando repetir a assembleia do Barreiro e determinando que, nos termos doCodigo Administrativo, a Camara, que terminára o seu mandato em 31 de Dezembro, continuasse a gerir os negocios do municipio.

Quando a Camara, recentemente eleita, se preparava para entregar a municipalidade aos vereadores que estavam no exercicio no fim do ano de 1925, o administrador, o tal João Anacleto da Silva, assalta os Paços do Concelho e empossa quatro vereadores, bonzo-nacionalistas, que, por sua vez, chamam á efectividade três substitutos que, legalmente, nunca poderiam ser chamados.

No dia marcado por quem de direito, reuniu a legitima vereação, que elegeu a sua comissão executiva e deu por nulas, por ilegais, todas as deliberações dos assaltantes do municipio. Para evitar novas surpresas, resolveram requisitar dentro da lei e para serviço remunerado uma

fôrça da Guarda Republicana, para guardar o edificio camarario.

Perante este facto, o administrador, o Anacleto, resolveu vir até Lisboa conferenciar com o seu chefe, o dono disto tudo, o patrão cá da roça — o sr. Antonio Maria da Silva.

Escusado será dizer que o bonzo-mór deu ao seu correligionario Anacleto todas as satisfações e investiu-o logo de poderes para mandar retirar a fôrça e colocar na Camara os homens que ele lá quere como vereadores. Tudo se fez. E de então para cá o Anacleto, que é um analfabeto e mau, tem cometido toda a série de violencias e de ilegalidades. Passa buscas a casa de cidadãos honestos, obriga por intimação o tesoureiro da Camara a entregar o selo branco á pessoa que ele entende que deve ser o presidente da comissão executiva, e não deixa entrar no edificio da Camara, com ameaça de prisão, os legitimos vereadores. Tudo isto com o apoio do ministro do Interior, que é o sr. Antonio Maria da Silva.

Não podia ficar só por aqui, o sr. Anacleto. Foi mais longe: usando dos poderes que o ministro do Interior lhe conferiu, está a syndicar o capitão comandante da secção da G. N. R., do Barreiro, um official que se cobriu de gloria em França e em Africa, porque esse distinto official, cumprindo a lei, satisfez uma requisição legal que a Camara lhe fez.

Só nos faltava assistir a isto. O sr. Antonio Maria da Silva encarregar o Anacleto de syndicar um brioso official! O Anacleto, ébrio, mau, ignorante, a syndicar um seu superior hierarquico!

Pasmai! O Anacleto é guarda fiscal reformado!

O governo do sr. Antonio Maria da Silva manda inquirir dos actos praticados por um capitão, um soldado!

Tudo é possivel nesta Republica de Anacleto da Silva, e que mais se desprestigiará se o Povo lhe não acudir a tempo.

Comentarios? Para quê! O partido democratico perdeu toda a sensibilidade moral. Nada já o fere. Basta citar que o regedor do Barreiro — o delegado do governo na freguesia do Barreiro — é um *filho da noite*, pronunciado por furto na comarca do Seixal.

Até quando?

O culto do reles

São em grande numero, como se sabe, os males que para a Republica e para a Nação adveem da politica adoptada pelo sr. Antonio Maria da Silva. Um deles, porém, sobreleva a todos—o culto do reles, que o actual chefe do governo criou, exercendo-o com a devoção de um verdadeiro crente. Sem preocupações intellectuais de nenhuma especie; alheio inteiramente aos problemas do espirito que tanto interesse despertam em todo o mundo; indifferente em absoluto á constante renovação de principios e de metodos literarios, scientificos ou artisticos, o sr. Antonio Maria da Silva—que em alguma coisa hade gastar o seu tempo—entretém-se dias inteiros, semanas e meses consecutivos na politica mesquinha de uma regedoria baixa, sem o menor vislumbre de intelligencia, sem um relampago de grandesa, sem pelo menos, um ligeiro impulso de bondade.

Tudo naquele cerebro é pequenino e reles, preocupado apenas com a falsificação de uma urna, a substituição de um administrador de concelho, a compra de um voto ou a venda de um favor.

Quando um jornalista o interroga sobre assuntos que não se relacionam com o que deixamos dito, mas que prendem a atenção dos estadistas de todo o mundo, o sr. Antonio Maria da Silva mostra-se de uma crassa, profunda ignorancia, incapaz de uma afirmação, impossibilitado de responder, mudando de conversa com a cobardia de estudantinho que procura fugir a uma lição que não decorou. Mais de uma vez fizemos a experiencia, não conseguindo nunca surprender-lhe uma tendencia, adivinhar-lhe interesse, ouvi-lo manifestar-se por esta ou aquella escola, defender um principio, entusiasmar-se perante uma obra de arte, a curva de uma abobada ou a pagina de um livro.

Diante do cadaver do autor do *Campo de Flores* apenas saberia dizer, como Hintze Ribeiro: «Adeus mestre!» não sendo para estranhar que ainda hoje não saiba quem foram Eça de Queiroz, Michelet, Debussy e Rodin.

A maioria dos que o cercam foi, evidentemente, criada por ele á sua imagem e semelhança—cabeças sem miolos, corpos sem alma, estranha legião de vulgaridades sem nome, bando de anónimos que nenhum sopra anima, com a ambição unica de governar-se, de afocinhar até ás orelhas na gamela do Estado, com um riso alarve ante o idealismo dos mais, rosnuando por obrigação ou por medo, incapazes de um gesto de revolta, de um grito de protesto, de um sacrificio e de um arranco.

Chamam, em conversa conosco, imbecil ao chefe; confirmam as nossas palavras; calam-se perante as nossas acusações. Mas obedecem-lhe covardemente, passivamente, miseravelmente,

O novo regime do pão

A Companhia Nacional da Alimentação é mais uma vez beneficiada e o publico mais uma vez ludibriado

Publicas são, e notorias, as boas relações do sr. Antonio Maria da Silva com a Moagem, para que careça de explicação o fim que se pretendeu atingir com o ultimo regime do pão que só aproveita á Companhia Nacional de Alimentação, nome de crisma da Sociedade Industrial Portugal e Colonias.

O novo regime substituiu os tres tipos de pão que existiam a 1\$80, 2\$20 e 2\$60 o quilo, por dois tipos apenas ao preço de 2\$00 e 2\$60. Como toda a gente era forçada a comprar o pão de 2\$20, porque o de 1\$80 era intragável, o novo regime ofereceria uma vantagem para o publico se o actual pão de 2\$00 fosse equivalente em qualidade ao antigo de 2\$20. Havia um barateamento de \$20 em quilo.

Como, porém, o novo pão de 2\$00 é uma porcaria muito razoavel, muita gente compra o pão de 2\$60 e deste modo o pão sofreu o aumento de \$40 em quilo, devendo acrescentar-se ainda que fabricando a Companhia em menor quantidade o pão mais barato, é forçado a maior consumo do pão mais caro, o que redundo em maiores lucros para a panificação.

Por estas e por outras é que o sr. Antonio Maria é tido no meio da industria panificadora como a «mascotte» dos padeiros... os quais pensam já em erguer-lhe uma estatua em massa de pão de primeira e em que se figura o «superfino» estadista ajoelhado em frente de um forno repleto de muitos quilos *dele*, tendo na mão esquerda uma rosca com esta divisa: «in hoc signo vincit» e na direita uma pá em que se lê: «Aqui é que eu levei o meu Partido á glória!»

Essa estatua será elevada no beco da Bolaça, ou no das Farinhas, no do Forno ou no da Mó, não estando ainda o local definitivamente escolhido por depender das providencias policiaes necessarias a tomar, para evitar que a choldra vá irreverentemente mijar no «bonzeo» monumento.

sem comprehenderem, sequer, o que há de ignobil nessa obediencia, sem darem pelo que se contem de indigno em tanta baixesa.

E assim se arrasta pela nação o reles cortejo do interesse, da mesquinhez politica, da estreiteza de espirito, levando á frente um homem que é a negação completa da autoridade, porque só vive do odio e da intriga; que é o avesso da intelligencia, porque a desconhece e a dispensa e que, tendo-se arvorado em dono do país, exige que todos desçam até ele, nivelando-se com ele!

O monopólio das Águas

A companhia fornece
ao Povo água conde-
nada pelos higienistas!

É simplesmente revoltante que um assunto de tão magna importância como é o abastecimento da água á cidade, ainda não esteja resolvido só porque uma poderosa Companhia que tem a sua frente o conhecido ditador das águas Carlos Pereira, tem encontrado n'esta Republica ministros sempre dispóstos a servir-lhe os seus desejos, desprezando criminosamente os interesses e a saúde da população de Lisboa. Assim é que o malfadado e escandaloso monopólio continua ainda a provocar no verão a escacêz da água e a fornecer no inverno água incapaz para consumo.

Apezar do decreto inconstitucional de 10 de Fevereiro de 1923 lançar sobre os consumidores uma contribuição de 40 centavos por metro cubico para que a companhia fizesse as obras indispensaveis no seu material, a companhia não as fez, resultando que, ultimamente, durante algumas semanas, pelo esatdo de desleixo a que chegou o canal do Alviela, foi fornecida á cidade as chamadas águas orientais, que, foram a causa da ipedemia de 1912, como o demonstrou no seu relatorio a Comissão nomeada por despacho de 4 de Maio do mesmo ano, publicado nos arquivos do Instituto Central de Higiene que diz a pag. 183:

Provado fica que o reservatorio da Praia recebeu largamente os esgotos da cidade arrastados pela maré. mormente os trazidos pela canalização de Alfama que certamente foram levados de refluxo até ao descarregadouro, sem mesmo terem chegado a vazar-se no rio (sic).

Pois estas que estavam proibidas de ser fornecidas para consumo publico foram ultimamente fornecidas a população porque o canal do Alviela se avariou. E avariou-se porque a companhia apezar de ter em seu poder dezenas de milhares de contos arrancados inconstitucionalmente a bolsa do consumidor não quer fazer obras, não quer reparar o seu material em obediencia a um plano.

Esse plano consiste em obter do Estado a aprovação de um novo contracto pelo qual possa elevar sem limites o preço do metro cubico de água e extorquir, do rario publico, a titulo de emprestimo a quantia de 50.000 contos, alegando para isso uma suposta necessidade de novas captações de água!

Ora tal extorsão não deve ser consentida.

O parlamento tem o dever de seguir o ca-

Seriam deportados?

Pelo Carnaval, estiveram durante algum tempo em exposição numa das montras dum estabelecimento de sapataria, sito no Rossio, uns sapatos de fantasia em sêda verde e encarnada.

Uma certa noite, quando o dono do estabelecimento conferia as suas contas, ouviu bater com violencia nas suas portas, ao mesmo tempo que ouvia dizer: — «Abra que é a policia; abra em nome da lei, senão arrombase.» O dono do estabelecimento em questão veio abrir e verificou que de facto era a policia — a de S. E. — que bastante exaltada disse ao dono da casa: — «O senhor tem ali na montra uns sapatos que alteram a ordem publica.» O homem, como é de calcular, ficou estupefacto com a estranha descoberta da P. S. E., que á força queria apreender os sapatos, e apreendeu.

Levantou-se o auto contra os sapatos provocadores da desordem e o dono dos ditos foi mandado em paz.

Passou-se o Carnaval e o proprietario da sapataria resolveu ir até ao Governo Civil saber dos seus ricos sapatos — que eram dois pares dêles. Ficou desolado, os sapatos tinham desaparecido e a policia não sabia do seu paradeiro.

O [homem, como é de prevêr, está muito consternado, pois receia que os sapatos tenham sido deportados ou estejam detidos em carcere privado.

Estas policias!...

«A Republica foi estabelecida por uma convicção que resulta de principios e não de homens.

São esses principios que desejamos defendidos, custe o que custar. Esquecidos eles, os homens nada valem, preocupando-se apenas com a defesa de cotteries, cujos privilegios foram extintos em 1910, em favor dos direitos populares. Nos seculos medievais dominava-se pela audacia, pela força, pela destresa, mas no seculo XX, o dominio já não é, não pode, nem deve ser apanagio do mais forte mas sim do mais inteligente — e a intel gencia, não é privilegio de castas».

DR. SOUSA JUNIOR

minho do Senado que já votou um projecto de lei municipalisando o abastecimento de água á Cidade.

A Camara Municipal deve tambem imediatamente tratar este assunto com o mesma energia com que tem tratado a questão da electricidade, porque provado está que com a municipalização deste serviço não só se arranca o povo das mãos de exploradores sem exculpulos, como ainda á cidade pode ter boa água e o seu preço baixar já para 70 centavos o metro cubico.

SARGENTOS

As suas justas e modestas reclamações

No seu ultimo numero, *A Choldra* mostrou aos governantes e legisladores a necessidade inadiavel de olhar a sério para a classe dos sargentos, corporação a que a Patria e a Republica tantos e tão valiosos serviços devem.

Falava-se ali no desassombro com que os sargentos sempre pugnam pelas liberdades, pela integridade nacional e pelo regime republicano, em perfeito contraste com outras corporações ou classes que só o contrario teem levado a efeito.

Justo é que hoje se dê conta das suas reclamações —aspirações tão simples e modestas que ainda ha dias um illustre official do estado maior nos afirmava serem de maior vulto as necessidades da classe dos sargentos ou, por outra, que elles pediam pouco.

Eis algumas dessas reclamações:

Sabido que o Regulamento Geral para o serviço dos corpos do exercito diz serem os sargentos e equiparados *dispensados de comparecer á formatura de recolher*, os comandantes de algumas unidades obrigamos a estar a essa hora no quartel, embora *não compareçam á formatura*. Porque razão se não isentam os sargentos de estar no quartel á hora do recolher, como se faz aos officiais, desobrigando aqueles da vexatoria *dispensa* que em certas unidades se exige? Porque não se lhes concede licença para uso e porte de arma, mediante apresentação do seu bilhete de identidade?

Devido ao elevado custo dos uniformes, porque não são autorizados a fornecer-se do Deposito Central de Fardamentos, nas condições em que o podem fazer os officiais? Atendendo ao elevado custo da vida em Mafra, durante o periodo dos cursos, porque não se transfere a Escola Central de Sargentos para Lisboa, criando-se em Santa Clara uma *mess* de sargentos, para que muitos deles não deixem de frequentar a referida escola, por falta de meios para seu sustento e das familias distantes, como actualmente succede? Sabido que em varios países, e especialmente na França, a classe dos sargentos tem dado elementos de valor para a aviação—o *az dos azes* francês tirou o *brevet* quando era sargento—porque não se permite que os sargentos tirem a especialidade de aviadores? Porque não podem ser promovidos por antiguidade os segundos sargentos que tenham o curso para primeiros?

Atendendo a que o orçamento do ministerio da guerra está sobrecarregando enormemente o orçamento geral do Estado, e atendendo ainda a que o pessoal militar do sexo masculino está habilitado para o desempenho de tais serviços, porque não se dispensam as dactilografas e enfermeiras militares, collocando-as noutros ministerios?

Porque não se acaba com a readmissão para efeito de vencimentos substituindo-a por diuturnidades de 5 anos?

A fim de difundir a instrução entre as classes menos favorecidas, porque não são dispensados do pagamento de matricula e propinas nos estabelecimentos de ensino dependentes dos ministerios da Instrução e do Trabalho, os filhos dos combatentes da Grande Guerra? Dado o grande numero de sargentos supranumerarios, porque não se lhes concede licença ilimitada, como aos officiais, quando assim o requeiram?

Porque não se regula a entrada dos filhos dos sargentos no Instituto dos Pupilos do Exercito e no Instituto Feminino de Educação e Trabalho, de modo a só ali terem ingresso os filhos das praças de pret? A fim de se evitar o ingresso de quasi analfabetos a classe

dos sargentos, porque não se procede immediatamente á remodelação das condições para admissão dos futuros candidatos áquele posto?

Que dizem a isto os magnates detentores do poder? Vamos! Sejam francos, ao menos uma vez! Por nossa parte prometemos não largar de mão o assunto, enquanto não obtivermos qualquer resposta. Senhores da *elite*: Coragem, um pouco de coragem, e dizei claramente ao país se sois contra as justas reclamações da classe dos sargentos! Torna-se indispensavel uma resposta categorica!

Pelos sargentos ou contra eles?

B. D.

AOS NOSSOS LEITORES

A CHOLDRA, que procura estar em estreito contacto com o Povo, pergunta hoje aos que a lêem:

Perante a soma tremenda de vergonhas cometidas pelo govêrno contra a Republica; perante o perigo de uma ditadura militar; perante o triunfo da reacção; perante a possibilidade da amnistia a Paiva Couceiro, qual o caminho que se deve seguir?

A CHOLDRA publicará as respostas que lhe forem enviadas, bastando um simples postal endereçado á nossa redacção.

Que ninguem deixe de responder. Que nenhum dos 3:000 republicanos que nos comprem deixe de emittir o seu voto.

«Ninguem se espante que sejamos nós, a mais de 30 anos da geração de 90— a geração que lançou as bases do programa partidario—que pretendamos ser os fieis interpretes e os legitimos executores do pensamento desses idealistas.

Uma lei historica, até hoje não desmentida, ensina-nos que uma geração só exerce uma influencia decisiva sobre os negocios publicos, passados 30 ou 40 anos após a sua formação intellectual e moral. Rousseau, Voltaire e Montesquieu ensinaram a Revolução trinta ou quarenta anos antes que seus discipulos a fizessem. Karl Marx morreu em 1883. A sua doutrina só principiou a influenciar a vida do Estado a partir de 1900. Faure, Renan e Albert Soel, ensinaram nos fins do seculo passado as doutrinas que mais dominam os politicos modernos. Os catholicos sociais de hoje, são os filhos espirituais da Enciclica Romana de Leão XIII».

José Domingues dos Santos.

○ triunfo dos falsários!

O «Seculo» à conquista da direcção do Banco de Portugal

A insanía tomou toda a sociedade portuguesa! Nem já se guarda em calculado rigor as normas rudimentares e convencionais da moral estabelecida. E' ver-se até ao menor detalhe essa luta encarniçada em volta do Banco de Portugal, instituição que tem de assegurar o credito publico para o maximo aproveitamento da actividade dos cidadãos.

A falsificação de notas tornou-se o recurso mais proveitoso para enriquecer burlões. Os governos, porém, cuidando menos dos interesses da Nação que das ambições das oligarquias, só castigam os falsificadores de cédulas substituíveis para deixar impunes os falsários do Banco Ultramarino, que impõem a toda a gente umas notas cujo valor nominal desaparece nas taxas de desconto arbitradas sem probidade. Não é a lei que determina, pois, a perseguição dos falsários: é o interesse politico e financeiro que regula os crimes de falsificação igualmente puníveis em face da legalidade.

Estamos seguindo com atenção as fases desse assalto de falsários e burlões ao Banco de Portugal. A gente do *Seculo* hediondo desloca as suas forças para se apossar triunfantemente da direcção do Banco que está destinado a ser o salvador de tantos reus de lesa-patria. E *O Seculo*, sabe toda a gente, é o arauto de interesses prejudiciais à Nação portuguesa, não só à sua economia como à propria integridade da sua soberania! E *O Seculo*, sabemos nós, tudo falsifica: a razão das suas campanhas, a propria opinião publica.

Pois *O Seculo* conseguiu infiltrar-se na entidade mais representativa do Banco de Portugal, a assembleia geral. Não conseguiu, é certo, triunfar, mas obteve a sanção da assembleia geral para impunidade dos falsificadores da moeda! Espantosamente verdadeiro!

Atendei: o sr. Moisés Amzalack foi proposto para a direcção do Banco de Portugal, apesar de ser um capitalista que diz «falido».

Esta-se comprehendendo que o Banco de Portugal passou a ser o objectivo maximo, a tabua de salvação de commerciantes arruinados, relevados à prosperidade à sombra do credito da Nação! Hediondamente verdadeiro!

Houve acionistas que ostensivamente riscaram o nome de Ruy Ulrick para collocarem em seu logar o de Alves dos Reis — outro falsario! Então a entidade soberana, a lei do Banco de Portugal proclama como homens dignos de administrarem o credito da Nação, o prestigio do Estado, falsários publicamente confessos?!

POR BEM...

Da Vida Mental

«Contribuição ao estudo dos Synchronium»,
por Aurélio Quintanilha

O dr. Aurelio Quintanilha, da Faculdade de Sciencias da Universidade, é entre o nosso reaccionario professorado do ensino superior uma curiosa figura de intellectual avançado. Moço, culto, desempeirado, o dr. Aurelio Quintanilha é talvez o unico entre os seus pares que não sacrifica no altar da Feacção.

Dahi a simpatia com que vemos a publicação da sua notavel tese de doutoramento, intitulada «Contribuição ao estudo dos Synchronium».

Do valor scientifico da obra, falta-nos competencia para falar. Da linguagem porém, podemos dizer que a sentimos clara e ductil, servindo bem a sistematização que o autor imprimiu ao seu trabalho. A alta classificação de 19 valores obtida pela tese do Doutor Aurelio Quintanilha, garante aos revistas e leigos os méritos revelados pelo futuro catedrático.

As nossas revistas e magazzines

São más, muito más as revistas que se publicam em Lisboa. Os nossos homens de letras não estão adextrados no género e aos nossos artistas graficos falta a sensibilidade estética exigida pela especialidade.

Não há verdadeiramente uma revista cultural, como não um ha *magazzine* recreativo ou um semanario illustrado de actualidades. A «Luzitania» notabilissima, maior do que o meio intellectual, é uma revista europeia, só para eruditos, porém desconhecida pelo publico que aliás na sua grande maioria não a poderá ler, já pelo preço, já pela natureza dos escritos nelas dados à estampa. «A Seara Nova» de doutrina e critica, admiravelmente redigida tem uma feição muito pessoal, uma unilateralidade que lhe desmerece o real valor.

Das revistas illustradas, a «Illustração» a mais recente e francamente a pior é duma insuficiencia criminosa atento o preço que por ela pedem os seus editores. Quatro escudos por algumas paginas de bom papel, com umas gravuras detestaveis e uma escassa colaboração litteraria, além dos anuncios — é realmente exigir muito. Cremos ser essa a revista quinzenal mais cara da Europa e do mundo. Em Paris não ha nenhum *magazzine* que custe 4 francos, em Madrid nenhuma revista grafica custe a extravagancia de 2 pesetas. E a melhor revista londrina *The Sketch*, paga-se por um chelim, quasi tanto como a «Illustração» do Sr. Ailland. Como estamos porém em Marrocos...

«A Renovação» revista da vanguarda, pobre, sem um anuncio, deve ter uma saída precária. Por isso cada numero que vemos surgir representa um extraordinario esforço e uma soma de dedicações notavel. O «A. B. C. pelo contrário, mais de publicidade do que de actualidades, tinha obrigação de ser uma coisa decente, de cumprir pelo menos o programa que se propoz.

J. B.

Pois a insanía vai ao ponto de se consagrar a acção nefasta dos falsários e dos proprios inimigos da nação portuguesa? Iremos de abalada para um horrorosa calamidade se a consciencia publica revoltada e digna não se decidir a uma sanção definitiva e energica contra os burlões, os falsários, os t... idores e os cúmplices!

AINDA AS ELEIÇÕES

Como os democraticos as ganham. O que se passou em Portel marca, a ferro em brasa, o regime que o consente.

Quando acabará isto?

Teve, no passado domingo 28 de Fevereiro, o seu epilogo, em Portel, aquela roubalheira efectuada pelos democraticos numa das comissões de verificação de poderes, pela qual, á Esquerda Democratica, foi roubado o deputado eleito pelo circulo de Evora, — sr. dr. Luiz Guerreiro.

A Esquerda Democratica disputou as maiorias por aquele circulo, sendo o outro candidato o nosso querido e velho e devoto dissimo republicano sr. João Pedro dos Santos.

A luta no circulo de Evora foi, como em toda a parte, de morte, de exterminio da Esquerda Democratica. Em Evora, como em outros pontos do País, tudo se coligou, *bonzos*, monarchicos, nacionalistas, catholicos, forças vivas, etc. Uzaram-se de todos os processos que a monarchia já tinha posto de parte. As autoridades, desde o governador civil ao regedor, todos armaram em caciques. Do ministerio do Interior expediam-se telegramas para o governador civil *«apelando-se para a sua fé patriotica e republicana para que envidasse todos os esforços, afim de reduzir a votação esquerdistas»*, mas apesar de tudo, o sr. dr. Luiz Guerreiro venceu a eleição ao candidato bonzo-monarchico-nacionalista, por 68 votos, e o nosso querido amigo sr. João Pedro dos Santos apenas teve menos 60 votos que este. Os dirigentes do partido democratico, e muito especialmente o sr. Antonio Maria da Silva, não podiam deixar ficar assim, fóra da Camara, aquela luminária que, na velha cidade de Sertorio, é conhecido pelo *Mentira Fresca*, e congeminaram, desde logo, a maneira de roubar a eleição ao candidato da Esquerda Democratica proclamado eleito na assembleia de apuramento. Se bem o pensaram, melhor o executaram, servindo-se para isso de trez pobres de espirito que só nas roubalheiras eleitorais teem dado sinal de si — Custodio de Paiva, Antonio Dias e Alberto Vidal, — e aproveitando-se do facto duma das copias da acta original da assembleia de Portel, attribuir ao candidato bonzo-monarchico-nacionalista, 316 votos, quando no original, em outra copia, no edital numa certidão passada e assinada por toda a meza, contava que o numero real de votos que esse dandidato tinha obtido, era de 216. Pois apesar de lhes ser demonstrado que se tratava de um erro de transcrição, os homens da comissão, obedecendo ás ordens do dono, resalveram mandar repetir a eleição de Portel. Para todos os candidatos? Não. Tiveram o cui-

dado de sancionar a eleição do candidato nacionalista-bonzo-monarchico Alberto Jordão, para que os votos que sobre ele já tinham recaído fossem recair nos candidatos bonzo-monarchicos Mexia e Fragoso.

*
*
*

Mas não parou por aqui a ladroeira; ela teve o seu epilogo no domingo ultimo, em Portel, onde a autoridade administrativa, — aquele celebre Firmino Martins que ha anos foi corrido pelo povo de Manique do Intendente, — fez encher a sala onde se realizava a eleição, de G.R. auxiliado pelo conhecido monarchico, sargento Antonio, homem que não esconde as suas convicções, e que apesar disso ainda não foi dispensado do serviço dessa corporação; e, de mãos dadas com o administrador da Casa de Bragança, com um tal Albano, sub-delegado de saúde, que nega os seus serviços clinicos a quem lhe não dá o voto, com varios padres, iacitou o povo a matar, o sr. dr. Jorge Capinha e a pô-lo fora da sala, bem como ao sr. dr. Guerreiro e aos seus delegados, não os deixando votar, não deixando tambem votar os delegados do outro candidato sr. João Pedro dos Santos, chegando a declarar que não contavam, e não contaram, os votos que este obtivessel!

Só devido á muita prudencia havida é que hoje não ha mortes a registar. E, se tal se observasse, de quem seria a culpa?

Do partido democratico.

*
*
*

Mas pode isto continuar?

Pode o sr. Antonio Maria da Silva, de braço dado com todos os patifes, com todos os reaccionarios, continuar a visar todos os republicanos que anseiam que a Republica saia deste monturo de lama e de ignominia para onde o partido democratico a arrastou? Não, e não!

Confiamos em que o Povo não suportará por muito mais tempo tal homem e tal partido. E' preciso reagir, e bem, contra este e outros processos, confiando tambem em que, se fôr levado até ao fim o plano do roubo, proclamando deputado pelo circulo de Evora, o tal *Mentira Fresca*, a Esquerda Democratica, pelos seus representantes na Camara, protestará como deve e como o exigem o prestigio da Republica e da Democracia.

Lá isso não!

Os desequilíbrios do juiz sr. dr. Alves Ferreira

Permitimo-nos a irreverencia de afirmar, com a melhor das sinceridades, que o juiz dr. Alves Ferreira, instructor do processo relativo ao Angola e Metropole, está desarranjado da *pinha* e um tanto divorciado da moral profissional dos magistrados que têm o aspero encargo de velar pela magestade da Justiça.

Como o seu antecessor Pinto de Magalhães, o sr. Alves Ferreira fala que tem diabo e as suas imprudencias correm parelhas com os seus dilates.

A moral consuetudinaria — passe a impropriedade — de todos os juizes, é evitar expressões tendenciosas que possam significar simpatia ou antipatia pelas pessoas sob a sua alçada. Os juizes nã conversam com o grande publico sobre os pleitos, os crimes, as causas em que supremamente intervêm como julgadores ou como inqueridores. Mas menos que o direito de serem loquazes, os juizes teem o direito de lançar suspeitas, posto que lhes cumpre apenas averiguar a verdade. Tem procedido assim o sr. dr. Alves Ferreira? cremos que não e demonstremos:

Numa curta entrevista com um jornalista, o sr. Alves Ferreira produziu afirmações donde é legítimo presumir que varios politicos teriam recebido dinheiro por serviços prestados ao famosissimo banco.

Sem favor se dirá que em todos os partidos ha pessoas de honra inconfusa, de patriotismo alto, de independencia dignificante.

Aquelas palavras do sr. Alves Ferreira, produzidas numa imprudencia lórpa ou numa má-fé deploravel, caiem sobre a cabeça de todos os politicos, e é isso que move o nosso protesto já que a complacente insensibilidade desses politicos os calou como esfinges de pedra.

E' o sr. dr. Alves Ferreira um homem de ordem e um homem de honra. Como homem de ordem não devia, por expressões vagas, alimentar o sobressalto publico; como homem de honra não devia lançar, por expressões vagas, suspeitas que podem ferir outros homens de honra. Se ha politicos concessionarios, venais, miseraveis que foram capazes de negociar a Patria, o sr. dr. Alves Ferreira mete-se na sua alçada e prende-os. A justiça implacavel os punirá do seu alto crime. Vir para o grande publico com abstrações incomodas nem cabe nas suas funções nem se concilia com o dever que todos temos de respeitar a honra alheia.

Mas nem só isto move os nossos reparos contra aquele magistrado. Outras circunstancias reclamam o comentario desta publicação o qual se fará consoante as exigencias do espaço.

Uma coisa, porém, fique assente: não queremos aparelhar com o parlamento, com os jornais, com as pessoas que receiam erguer o seu protesto com a razão cobarde de que podem ser tidos por suspeitos. Seria monstruoso que nem ao menos uma pessoa, nem ao menos um instrumento de publicidade rompesse com essa moral ridicula e canalha deixando passar carros e carretas á sua sombra. . .

Lá isso não.

PERANTE «O QUE ESTA'»

Do panfleto que, pleno de espirito e fé republicana, o sr. dr. Evaristo de Carvalho lançou a publico com o titulo a *Flecha*, reproduzimos o seguinte trecho:

«A politica desencadeia paixões, mas só uma a serve bem, e, essa, é a que nasceu dentro de nós, generosa e alta, filha de nobres sentimentos e desprendida de interesses mesquinhos e vis. Essa, persistirá. Essa, triunfará.

Pode ser combatida. Pode ser perseguida. Pode ser, mesmo, num determinado momento, calcada, vencida, esmagada.

Pode.

Mas acatelem-se e tremam os vencedores, porque, ela, mais tarde, ressurgirá, como a Fênix ressurgiu das proprias cinzas. E ha-de vir, então, mais impetuosa, mais viva, mais ardente.

Comprimiram-na?! Explodirá! E, então, a sua chama hade arder e subir, como a labareda de uma granada que, ao reventar as duras paredes de aço onde viveu encerrada, de relampagos e fulgores enchen o espaço, nele espalhando a rubra cabeleira deslumbante.

O seu poder de ação e de contagio tornar-se-ha formidavel, avassalador, irresistivel! A sua voz vibrará poderosamente, magneticamente! Será igual á voz, que saiu da boca dos Apostolos! Será como a voz de Pedro-o Ermita, arrastando, fascinadas, atraz de si, as Cruzadas! Será a voz de *Mirabeau*, fulgurando em apostrofes, e a de *Danton*, atravessando a França e o mundo, como a claridade de uma aurora nova! . . .

A verdade é inseparavel da tolerancia, a primeira virtude de todo o homem e de toda a sociedade culta, sem a qual a civilização se tornaria uma palavra vã. A verdade é irmã gêmea da sinceridade que aniquila todos os equívocos, todas as relíncias, todas as hipocrisias, que descobre os misterios e denuncia a mentira dos que a exploram e propalam intencionalmente. A sinceridade é a luz, a vida, a saude moral.

Magalhães Lima

A traição dos patriotas

O caso das libras falsas

Quando a América entrou na guerra europeia o conflito europeu, que tinha já um velho ritmo de todas as obras do velho continente, modificou-se, rejuvenesceu.

O espirito de organização dos «yankees», esse espirito que dirige o cidadão da livre America desde a montagem dos seus negocios, desde as suas aventuras amorosas e dos seus multiplos divorcios—ás intimidades das suas *toilettes*—foi como a aparição de um maestro numa filharmonica indisciplinada e cheia de filias.

Juntamente como as redes transbordaveis de ferro carril; juntamente com as *gilettes* e prevenções sexuais obrigatorias—a America trouxe comsigo para a Europa a sua organização policial.

Quiz o Destino que, por um criterio misterioso, fixassem em Portugal a pilotagem dessa policia, um dos principais volantes da sua maquina contra a guerra subtil dos espões. Dirigiam essa policia um almirante—Brack—e um adido militar, o general Torch. O primeiro tinha o seu gabinete sherlorchhomesco instalado no Rocio—sobre o Arco do Bandeira; o segundo na rua do Alecrim, 63. Eram auxiliares dessa policia o capitão De-Masi—actualmente bailarino profissional no *Maxim's*, de Madrid; o tenente Swenson, ex-jornalista de Chicago; um moço detective de Boston, cujo nome me escapa neste momento, e um detective luso-franco-americano, Dupin. Em redor desta organização detectivesca circulavam *wogons* de informadores, todos chefiados pelos mestres da Segurança Secreta dos *yankees*. Irradiavam centenas de fios de policia de todas as categorias, que se bifurcavam em milhares de ventosas sorvedoras de todas as boatagens—que depois eram sujeitas a investigação e à rectificação dos especialistas policiaes norte-americanos.

Um dos agentes dessa admiravel organização deixou-me um espolio—já o disse no artigo anterior. A ele vamos.

* * *

O primeiro caso com que deparo é o das libras falsas. Estava um agente destacado no norte de Portugal quando, por um acaso, assistiu à prisão de dois pobres provincianos, um casal do Minho desembarcado no Porto com a gula de cordões de ouro e correntes com unhas de leão.

Foi num ourives proximo da Batalha que se iniciara o escandalo; foi ali, numas pequenas

rodela doiradas que surgiu a pista que devia conduzir a policia americana para a descoberta da emaranhada rede dos «patriotas» de hoje—então ao serviço do inimigo.

O casal fizera compras e pagara com duas libras. O ourives, de pupila treinada na analise dos metais, não tardou em constatar que as libras eram falsas. Os pategos entreolharam-se assustados, aparvalhados, e gaguejaram, sem encontrar resposta para as interrogações que lhes dirigiram. Presos e conduzidos ao governo civil, foram interrogados por qualquer agente, na presença do policia agregado à organização *yankee*. As perguntas e torniquetes do policia apertaram-nos de tal forma que eles acabaram por garantir, convencidos:

—As libras são boas!

—São falsas! retorquiu o interrogador.

E quiz saber, logo a seguir:

—E porque afirmam vocês que as libras são verdadeiras?

Eles, escorregando na cilada, confessaram:

—Porque a pessoa que no-las deu era incapaz de nos enganar.

—E quem é essa pessoa?

—Foi o «Cinco Minutos».

Como um boneco de molas, projectado por uma *boîte-à-surprises*, o nome ou antes a alcunha daquele homem foi a ponte que conduziu os perdidos nas trevas da investigação, à boa margem da verdade.

O incidente das «libras falsas» servira apenas para iluminar, com a brutalidade de um holofote, um «ninho». O nome do «autor» das libras era a descoberta do labirinto irradiado desse «ninho». Mas antes, a policia aliada fôra informada que em varias zonas frequentadas pelos submarinos alemães e onde eles se forneciam, apareciam em abundancia libras falsas como a alma de Judas. Não é preciso ter a perspicacia de Nich Carter para que, sobrepondo estas duas coincidencias, se vislumbresse o bocal da pista.

—E porque foi que «Cinco Minutos» lhe entregou essas libras? indagou o agente.

—Porque vem comprar-nos galinhas.

E *ela*, a papalva imprudente, acrescentou:

—Rara é a semana que ele não vem *avastecer-se* na nossa quinta.

* * *

Um áparte para explicar quem é o «Cinco Minutos».

A CHOLDRA

«Cinco Minutos» era, antes da guerra, um «rato» da fronteira, meio contrabandista, meio agente de viagem, sem conseguir nunca ameaçar umas moedas grandes.

Do seu estribilho pitoresco de; «V. Ex.^a espere-me só cinco minutos»—ficara a alcunha. Veiu a guerra e ele começava a engrossar, a enriquecer, até à montagem, em Valencia, de uma casa de cambio encimada por uma taboleta onde ele fixara, pomposamente, como titulo de nobreza, a alcunha dos «Cinco Minutos».

Era o detective ao serviço dos yankees sufficientemente habil para não prender o «Cinco Minutos». Esse homem era o «Abre-te Sesamo» de muitos misterios—e era preciso deixá-lo tranquilo para que fosse *cicerone* involuntario e inconsciente para os outros, para os grandes, para os que traficavam na alta com os que eram então inimigos da sua patria. Imediatamente sombras de detectives seguiram, passo a passo, na noite tenebrosa da sua vida, o pitoresco «Cinco Minutos». E viram então que dezenas de comerciantes, dos mais cotados, dos mais considerados, dos mais *patriotas*, unidos ao *complot* de espionagem pelos lucros de venda de elevada tarifa nos submarinos, serviam, submissos e gulosos, os inimigos. E havia uma, entre todas, com marca de vinhos premiada em todas as exposições internacionais, que à frente dessa organização secreta empochava a parte leonina do negocio.

REPORTER X.

Em defeza da «regie»



Frei João Camoezas
falando aos ... charutos

O Fado dos Paineis

*Vai acesa discussão
sobre a questão dos paineis,
a tal ponto que sobre eles
todos pretendem dar leis.*

*Eu, por mim, não sei que diga,
não sei que pense. No entanto,
julgo que acerta quem diz
tratar-se do Infante Santo.*

*Mas é Vicente ou Fernando?
é Fernando ou é Vicente?
Resolvaam isso depressa,
não importunem a gente!*

*O José de Figueiredo,
mais o Jaime Cortesão
querem para ali o Vicente,
com sua palma na mão.*

*Mas acodem logo á bulha
o Saraiva e o Dornelas,
a gritar pelo Fernando
e a defender-lhe as costelas.*

*E' já grande o borborinho
por todo o vasto arraial
em que, mercê deste caso,
se transformou Portugal.*

*De bom juizo seria,
era de boa razão,
que os interessados falassem,
pondo assim termo á questão.*

*Decerto o Infante Santo
diria logo: « Sou eu. »
« E' ele, » diria o Vicente,
gritando de lá do céu.*

*Mas estou já quasi a crêr,
dada a sua teimosia,
que o José de Figueiredo
nem assim se convencia.*

A herança Bensaude

A denuncia dum roubo ao Estado

O sr. Carvalho da Silva, quasi em cheiro de viuva inconsolavel, interrogou o sr. ministro das Finanças sobre uma sensacional multa aplicada aos herdeiros do semita Henrique Bensaude, e sobre a denuncia bordou, com postigo nariz de indignação, as apostrofes que são do uzo.

Impugnamos:

— porque a multa foi um acto inteiramente legal a que os herdeiros referidos se sujeitaram voluntariamente no pleno conhecimento da legislação em vigor;

— porque a denuncia nem em todos os casos é um acto imoral, embora à superficie revista sempre caracteres antipaticos.

Ex-abundante:

— o falecido judeu e os seus herdeiros mostraram-se bem refletidamente os simbolos da raça em que a sordidez é um destino como a curva do nariz é um estigma antropologico.

Nas linhas da lenda foram condensados como vagamundos por toda a superficie da Terra porque venderam Cristo por trinta dinheiros; na realidade historica verifica-se que, como pagãos rapaces, só a Moloch adoram sacrificando-lhe tudo — ainda que seja uma nação. O sr. Bensaude extinto e os seus sucedaneos accumularam num pequeno paiz de cavadores e pescadores, que sobre as aguas bravas e sob os Sois queimantes grangeiam o sumario pão da vida, uma monstruosa fortuna que se deve abeirar de um milhão de contos, embora as inquirições do Estado não ultrapassem ainda os *magros* 200:000.

Onde está de si uma obra de reparação ao sangue chupado a esta nação pobre, uma obra de reabilitação de consciencia, uma obra de piedade, uma obra de solidariedade humana, uma escola, um recolhimento de desgraçados, um hospital de sofrimento?

Onde está o seu conceito de moral, o seu amor á vida iluminada de honra, que não amparou no pendor da perdição, umas tantas raparigas que vão á turba multa dos sadicos oferecer o corpo e a alma em flôr, como fez de seu minguido ameahamento a figura veneranda do Padre Airosa que os povos do Minho canonisam já no altar purissimo da sua comovida gratidão?

Pois pode haver pena de se arrancar aos cofres prenhes desta cambada de harpagões do alma de carvão, uns milhares de contos devidos á colectividade, roubados ás veias debeis dum paiz anemico para erguer mais alto o seu insultante castelo de ouro? Ah! não. E pena é que o codigo penal, tão solícito em condenar o miseravel que rouba um pão, não tenha sanções mais severas para uma corja de tratantes contumaz em roubar um povo.

Finalmente:

— Uma denuncia em tais termos está muito longe de ser imoral, ainda que tenha, e muito, a denegri-la o interesse particular dos denunciantes — pela indole dos denunciados, pela natureza da transgressão e até pela pena que lhe correspondeu. Os srs. Bensaude, possuindo uma riqueza formidavel, confessaram ao Estado apenas a posse de uns 11.000 contos. Era um negocio. Os outros, os denunciantes, conhecendo do caso, fizeram outro negocio dando com a lingua nos dentes. Ganharam estes e o Estado.

Os srs. Bensaude ficam ainda em plena digestão farta de ouro e trocaram a Penitenciaria, que lhes devia competir por lei, por uma mão cheia de libras.

Os judeus encontram sempre formulas de commercio — até no crime...

PAPEL IMPRESSO

Recebemos e agradecemos:

A FLECHA, panfleto politico de publicação quinzenal, escrito pelo velho republicano sr. dr. Evaristo de Carvalho, com vigor e vivacidade. Neste panfleto o sr. dr. Evaristo de Carvalho, que milita no P. R. P., revolta-se contra a *monarquização* da Republica e diz que *lá com aquela gente, não, não se pode fazer obra republicana.*

III CONGRESSO INTERNACIONAL DAS CIDADES, relatório da delegação da Camara Municipal de Lisboa ao congresso realizado de 28 de Setembro a 4 de Outubro de 1925 em Paris e organizado pela Union international des Villes et Communes e Union des Villes et Communes de France.

GAZETA DAS COLONIAS, quinzenario de propaganda e defesa das colonias de que é director o sr. Leite de Magalhães. Vai no n.º 32 do segundo ano de publicação. Redacção e administração rua do Gremio Lusitano, 40, 1.º, Lisboa.

A CRISE DE ANGOLA, colecção de artigos e entrevistas que tiveram publicidade na imprensa da Metropole, visando o esclarecimento da situação economica de Angola. Edição da «Gazeta das Colonias».

As tombolas automaticas

Dizem-nos que sim, que é verdade haver quem pretenda do chefe do distrito autorização para o funcionamento das tais tombolas automaticas, sugadoras dos tostões do pobre e resignado «João Trabalha».

E acrescentam-nos que para conseguir a permissão do roubo já se oferecem «luvas»! Pode ser, mas não damos nada pela eficacia das «luvas», porque das duas uma; ou o pretendente é correligionário do sr. Antonio Maria ou não é. Se é, não precisa de gastar dinheiro, porque tem o que deseja. Se não é, não será com dinheiro que o conseguirá. Com confiança o asseguramos. Esta justiça cumpre-nos fazer ao actual governador civil.

OS COMBATES DE SOCO

A verdade das nossas afirmações e como eles se defendem...

A nossa ultima crónica causou, no meio desportivo, uma verdadeira sensação.

Acostumados ao elogio mutuo, os desportistas que leram «A Choldra» pasmaram perante a nossa audacia, lutando sósinhos contra os donos do desporto e do seu dinheiro...

Mas, as verdades duras como punhos, demonstraram-lhes claramente que nós tinhamos razão e que tudo quanto afirmavamos era a expressão da verdade.

Não nos movem fins ocultos no cumprimento da missão que a nós proprios nos impuzemos.

Um unico fito temos, e esse o havemos de conseguir custe o que custar: «A moralisação no desporto». Não atacamos por belo prazer, mas sim desmascaramos os hypocritas que, sob o rótulo de defensores do desporto, vão pondo em pratica e realizando tudo quanto de mau idealizam.

O pseudónimo com que encobrimos a nossa verdadeira identidade, adoptamo-lo pela força das circunstancias.

Porque se «eles» soubessem quem nós eramos, actuariam de molde a que nós não conseguissemos os nossos intentos.

Assim, indecisos, sem adivinhar sequer quem sejam, são «eles» proprios que nos veem «cair nas mãos», relutando-nos factos graves ainda de nós desconhecidos. Um dos desportos que precisa ser «desinfectado» é o do nobre arte. A esse dedicaremos por agora a nossa atenção e os nossos leitores nada perderão, antes pelo contrario.

O que são os nossos «boxeurs» não é necessario explicar. Todos os conhecem e quando por acaso algum se lhes depara temos a certeza que farão a seguinte pergunta?

—Então este anémico, que eu com um sopapo virava do avesso, é jogador de sóco?

E desdenhando, seguirá o seu caminho, sem se deter um segundo que seja, para examinar de novo o «esqueleto articulado».

O facto do nosso publico acreditar em tudo quanto lhe dizem, fez com que o numero de «boxeurs» aumentasse rapidamente nas primeiras impressões.

Depois, as campanhas que sobre a pratica de tão brutal exercicio se fizeram, e as fraudes praticadas pelos organizadores, fizeram com que esse numero fosse decrescendo pouco a pouco, de modo que actualmente o seu numero é bastante insignificante.

A proposito destas nossas considerações recorda-nos a carta que Alvaro Martins escreveu ao deixar a vida profissional:

«Que para os seus filhos não morrerem á fome, deixava de ser «boxeur», empregando a sua actividade no seu antigo mister, vendedor de jornais.»

E como este, mais alguns existem.

Francisco Brito, outro «atleta anémico» que num combate ficou com um maxilar partido, é tambem árbitro da A. F. L.

Pois tendo sido nomeado para arbitrar um jogo qualquer, escusou-se dizendo que tinha que ir ao Seixal, ganhar umas corças...

Como se depende, os nossos «boxeurs» lutam com dificuldades para se sustentarem.

E sendo o box um desporto tão violento, cuja prática demanda o dispendio de bastante energia, os jogadores de sóco apresentam-se, como usualmente se constata com o aspecto de esfomeados...

Sobre o ultimo espectáculo de box, efectuado no Coliseu pela «trindade» Salreu, Valença e Mario Santana, e que tanta indignação causou pela forma como o publico foi expoliado, veio no semanario desportivo «O Sport de Lisboa» um extenso artigo, pretendendo falsar tudo quanto se tinha afirmado.

Admirou-nos que o desportista Nobre Guedes, que tão valiosos serviços tem prestado á causa desportiva, viesse á estacada, defendendo a organização e fiscalização desse «vigario» de box.

Se fosse outra pessoa, como tantas que por ahi pululam, não nos admirava.

Agora o secretario do organismo maximo do desporto, o C. O. P., terçar armas por quem o não merece, pela maneira de proceder, é que nos admirou.

Nós, pelo menos, não atacámos a Federação, porque sabiamos que esse organismo não tinha poderes para se opôr á realização dessa soirée...

Mas sabemos que podia não consentir na sua organização, não lhe pondo e «visto» o desinteressando-se de tudo.

O numero do Romão, que era por assim dizer o «clou» da «soirée», podia ser evitado se todos procedessem de boa fé, tanto jornalistas como dirigentes.

O que não está certo é sacudir a agua do capote, quando se é principal culpado...

«ANIBAL TORRES»

Sou claramente partidario da *escola unica*. É forçoso que as desigualdades que separam os homens não vão ferir as crianças, logo que estas entrem na vida. *Escola unica* não significa que todos os alunos aprendam a mesma coisa, mas sim, que todas as crianças da mesma terra devam frequentar a mesma escola tendo todas as crianças, filhos de ricos ou de pobres, o direito de receberem o ensino adaptado ás suas qualidades proprias, ás suas tendencias particulares, ao espirito e á necessidade do seu meio.

Á igualdade perante a instrução, juntamos a igualdade perante a educação. Futuro serralheiro ou engenheiro, á criança é forçoso ensinar a raciocinar, julgar e viver segundo os grandes principios. Quem ousará contestar a verdade destas afirmações?

José Domingues dos Santos.